

Scientific Electronic Archives

Issue ID: Sci. Elec. Arch. Vol. 15 (6)

June 2022

DOI: <http://dx.doi.org/10.36560/15620221547>

Article link: <https://sea.ufr.edu.br/SEA/article/view/1547>



Uso de substâncias psicoativas por estudantes de medicina durante a pandemia do coronavírus

Use of psychoactive substances by medicine students during the coronavirus pandemic

Fernanda de Castro Pereira Tomé

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

Lísias de Araújo Tomé

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

Mateus Schmitz Ramalho de Oliveira

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

Rosimeri Lima Tomé

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

Corresponding author

Maycon Hoffmann Cheffer

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

mayconhcheffer@faq.edu.br

Resumo. Objetivo: descrever o consumo de substâncias psicoativas utilizadas por acadêmicos do curso de medicina, durante a pandemia de COVID-19. Materiais e Métodos: Estudo descritivo, retrospectivo, com abordagem quantitativa, em acadêmicos de medicina matriculados no ciclo clínico do curso de uma Universidade particular do Oeste do Paraná. A coleta de dados ocorreu mediante questionário virtual aplicado nos meses de fevereiro e março Resultado: participaram 82 acadêmicos e o nível de consumo de substâncias psicoativas consumidas foram categorizadas em seis níveis de consumo: nulo; baixíssimo; baixo; moderado; alto e altíssimo. 22% dos estudantes foram infectados pelo coronavírus; 56% avaliaram sua saúde mental como excelente e boa; houve incremento de 4% de consumo altíssimo para álcool; o hábito tabágico se elevou 3% no consumo altíssimo; o consumo de cafeína aumentou 2% para o nível altíssimo; o uso de medicação ansiolítica aumentou 6% no nível alto e 1% para o nível altíssimo; o uso de antidepressivos aumentou 5% para o nível altíssimo; houve o incremento de indutores do sono para 2% no consumo alto e 4% no consumo altíssimo; o consumo de cocaína foi considerado baixíssimo antes do isolamento social e durante o isolamento social como consumo baixo. 7% deixaram de consumir *cannabis* durante o isolamento social. Conclusão: Ocorreu aumento no consumo de substâncias psicoativas em diferentes níveis, tal aumento precisa ser monitorado a fim de acompanhamento e avaliação dos efeitos do seu uso.

Palavras-chaves: Saúde Mental, COVID-19, Psicotrópicos, Saúde do Estudante.

Abstract. Aim: To describe the consumption of psychoactive substances used by medical students during the COVID-19 pandemic. Materials and methods: Descriptive, retrospective study, with a quantitative approach, in medical students enrolled in the clinical cycle of the course of a private university in the west of Paraná. Data collection took place through a virtual questionnaire applied in February and March. Result: 82 students participated and the level of consumption of psychoactive substances consumed was categorized into six levels of consumption: null; very low; low; moderate; tall and very tall. 22% of students were infected with the coronavirus; 56% rated their mental health as excellent and good; there was a 4% increase in very high alcohol consumption; the smoking habit increased by 3% in very high consumption; caffeine consumption increased by 2% to the veryhigh level; the use of anxiolytic medication increased by 6% at the high level and 1% at the very high level; the use of antidepressants increased 5% to the very high level; there was an increase in sleep inducers to 2% in high consumption and 4% in very high consumption; cocaine use was considered very low before social isolation and during social isolation as low consumption. 7% stopped using cannabis

during social isolation. Conclusion: There was an increase in the consumption of psychoactive substances at different levels, this increase needs to be monitored in order to monitor and evaluate the effects of their use.

Keywords: Mental Health, COVID-19, Psychotropic drugs, Student Health.

Introdução

Desde a antiguidade, sabe-se que a formação médica é extremamente árdua cercada de dificuldades oriundas da alta complexidade do curso e da responsabilidade das universidades formarem médicos preparados e conscientes para atuação no mercado de trabalho (Morgan et al., 2017). Dessa forma, evidenciam-se dificuldades a serem enfrentadas pelos acadêmicos de medicina durante a formação médica, como a adaptação a novos métodos de ensino- aprendizagem, mudança na rotina, hábitos de vida, distanciamento da família, pressão social, aquisição de novas responsabilidades e compromissos, e com isso surgem dúvidas, inseguranças, medos, que podem levá-los a buscar diferentes meios para fugir, enfrentar ou superar tal realidade (MACHADO; MOURA; ALMEIDA, 2015).

Além de todos os fatores de adaptação a nova rotina, bem como, os fatores estressores enfrentados pelos estudantes de medicina no seu cotidiano, no início de 2020 se depararam com um grande fator de impacto social, econômico e emocional: a pandemia de COVID-19.

A doença iniciou-se na China em dezembro de 2019 e foi considerada uma pandemia já em janeiro de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (Duarte et al., 2020).

Vários são os fatores que contribuíram para o aumento do estresse populacional no período de pandemia de COVID-19, tais como as medidas de isolamento e distanciamento social, bem como o fechamento de escolas, universidades e muitas instituições públicas, assim como a instituição do teletrabalho em muitas empresas. Dessa forma, o cotidiano dos estudantes de medicina foi alterado por serem submetidos de forma rápida e inesperada à suspensão das aulas, estágios, grupos de pesquisa, causando transtornos, dificuldades de adaptação, alteração de humor e do estado emocional diante de tantas incertezas (MAIA; DIAS, 2020).

Portanto, muitas vezes o meio mais acessível e utilizado por jovens que estão passando por dificuldades emocionais é o uso de substâncias psicoativas, as quais são consumidas com objetivo de recreação, melhora do humor, busca por prazer e diminuição, alívio ou eliminação de ansiedade e estresse (MACHADO; MOURA; ALMEIDA, 2015).

Entende-se por substância psicoativa aquelas utilizadas para produzir alterações nas sensações, no grau de consciência ou no estado emocional, de forma intencional ou não (BRASIL, 2014).

Com uma população demasiadamente ansiosa e estressada, é possível identificar um aumento no abuso de substâncias nocivas à saúde, sendo necessário uma maior atenção para esses

casos, uma vez que essas substâncias levam ao desenvolvimento de outras doenças e distúrbios a curto e longo prazo (Araujo et al., 2021).

Sabe-se que o consumo de substâncias psicoativas é considerado um problema de saúde pública, pois acarreta sérias consequências à sociedade, com repercussão social e econômica. Dessa forma, esse estudo tem como objetivo descrever o consumo de substâncias psicoativas utilizadas por acadêmicos do curso de medicina, durante a pandemia de COVID-19, pressupondo-se que esse consumo tenha aumentado durante a pandemia.

Dessa forma, esse estudo se justifica pela necessidade de reconhecer e poder propor uma reflexão para propostas de acompanhamento desses estudantes bem como, medidas de apoio e atenção ao acadêmico de medicina para que o consumo das substâncias psicoativas seja acompanhado, reduzido ou eliminado.

Materiais e métodos

Estudo descritivo, retrospectivo, com abordagem quantitativa, a acadêmicos matriculados no ciclo clínico, entre o quinto e oitavo período do curso de Medicina de uma Universidade particular do Oeste do Paraná, totalizando quatro turmas.

A escolha pelo ciclo clínico do curso foi motivada por se caracterizar pela carga horária extensa, grande quantidade de disciplinas, necessidade de aliar a teoria à prática e de ter raciocínio rápido. Nesse período há maior interação entre acadêmicos e pacientes, trazendo maiores responsabilidades aos estudantes.

Foram convidados a participar da pesquisa, todos os acadêmicos do curso de graduação do ciclo clínico do curso de medicina de uma universidade particular situada no município de estudo no período de fevereiro a março de 2021.

A coleta de dados ocorreu do dia 24 de fevereiro ao dia 17 de março de 2021 mediante o envio de um formulário por meio do WhatsApp para cada representante de turma dos períodos que foram abrangidos pelo estudo, e houve o compartilhamento do formulário pelas representantes nos respectivos grupos de turmas, onde todos tiveram acesso. O primeiro item do formulário continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo explicações acerca da pesquisa e solicitação de ciência para participação voluntária no estudo. O acesso ao questionário só se tornava possível após a concordância do participante. O número estimado de participantes era de 350, e participaram da pesquisa 82 acadêmicos.

Foram considerados como critérios de inclusão: idade igual ou superior a 18 anos de idade, matriculados entre o quinto e oitavo períodos

do curso de medicina durante o período de pandemia. E os critérios de exclusão: acadêmicos menores de 18 anos de idade, matriculados em outros períodos que não os do ciclo clínico (5º ao 8º período) do curso de medicina.

O estudo seguiu os preceitos éticos da Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), com aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário Assis Gurgacz, parecer nº 4.532.928. Os participantes são mantidos em anonimato e há sigilo dos dados de identificação dos participantes.

Resultados e discussão

Foram obtidas 82 respostas dos acadêmicos do ciclo clínico, conforme liberdade de escolha quanto a participação na pesquisa, todas as respostas estavam completas e de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos. A análise de dados ocorreu de maneira descritiva. Os dados referentes à caracterização de uso das substâncias psicoativas foram divididos em seis diferentes níveis de consumo (Gráfico 01): Nível zero: consumo nulo; nível um: consumo baixíssimo; nível dois: consumo baixo; nível três: consumo moderado; nível quatro: consumo alto; nível cinco: consumo altíssimo.

Com relação a caracterização sociodemográfica, 80% dos participantes eram do sexo feminino e 20% do masculino. As distribuições de faixa etária se deram de cinco em cinco anos de forma a englobar todos os participantes. 83% da população encontrava-se na faixa etária entre 20 e 24 anos, 13% entre 25 e 29 anos, e 4% entre 35 e 40 anos.

Quanto a etnia dos participantes, 92% se autointitularam brancos, 6%, pardos, e 1% pretos. Os participantes, em sua maioria, se declararam solteiros: 96%, contrastando com casados 2% e divorciados, 2%. No que tange a crenças e religiões, 63% se identificam como católicos, 11% como evangélicos, 11% como espíritas, 11% não se identificaram com qualquer uma dessas, e 4% caracterizaram-se como ateus.

Apenas dois participantes declaram trabalho ativo concomitante ao curso de medicina. Existiam, dentre os estudantes, 12 participantes que anunciaram ter ensino superior completo e um participante com pós-graduação. Com relação a renda básica mensal, 10% com renda menor que um salário-mínimo, 11% entre um e dois salários, 13% entre três e quatro, 27% entre cinco e dez, e, por fim, 39% têm renda maior que dez salários-mínimos mensais.

Os participantes foram questionados se já haviam sido diagnosticados com COVID-19 em algum momento. A resposta foi positiva em 22% dos casos. Também foram questionados sobre como eles caracterizavam a sua saúde mental: 7% preencheram o campo que os caracterizam como “excelente”, 49% como “boa”, 37% como “regular”, 6% como “ruim”, 1% como “péssima”.

Os participantes, em certo momento do

questionário, foram submetidos a diversas comparações sobre uso de algumas substâncias psicoativas e uma possível mudança que poderia ocorrer em seu consumo em dois momentos diferentes: antes do isolamento social causado pela pandemia do COVID-19 e durante o isolamento social causado pela pandemia.

A primeira substância analisada foi o uso de álcool. Antes da pandemia, 6% se enquadraram no consumo nulo, 18% no consumo baixíssimo, 32% no consumo baixo, 23% no consumo moderado, 21% no consumo alto. E durante a pandemia, o consumo nulo foi composto por 16% dos participantes, o consumo baixíssimo por 24%, o consumo baixo por 24%, o consumo moderado por 19%, o consumo alto por 13% e o consumo altíssimo por 4%. Na escala, o consumo altíssimo, o qual antes da pandemia não havia consumidores, passou após o isolamento conter três novos participantes de consumo altíssimo.

O hábito tabágico antes do período pandêmico, foi caracterizado da seguinte forma: 77% da população em consumo nulo, 8% em consumo baixíssimo, 2% em consumo baixo, 8% no consumo moderado, 4% no consumo alto e 1% no consumo altíssimo. E durante a pandemia, 80% se identificaram no consumo nulo, 9% no consumo baixíssimo, 1% no consumo baixo, 2% no consumo moderado, 4% no consumo alto e 4% no consumo altíssimo. Dessa forma, durante o isolamento social o hábito tabágico se elevou de 1% para 4% no consumo altíssimo.

A respeito do uso de cafeína, houve grande variação dentro de seus níveis. Antes da pandemia, no consumo nulo, se enquadraram 9% dos participantes, no consumo baixíssimo, 9%, no consumo baixo, 21%, no consumo moderado, 29%, no consumo alto 21% e no consumo altíssimo, 11%. Já durante da pandemia, 13% se enquadraram no consumo nulo, 24% no consumo baixíssimo, 13% no consumo baixo, 21% no consumo moderado, 16% no consumo alto e 13% no consumo altíssimo. De modo geral, o consumo de cafeína durante o isolamento aumentou 2% para o nível altíssimo.

No questionário havia comparações sobre o uso de medicações ansiolíticas, antidepressivas e indutores do sono. Iniciando com a primeira delas, representada sua comparação antes e durante o isolamento social.

Antes da pandemia, 79% dos indivíduos tiveram o consumo de ansiolíticos correspondente ao consumo nulo, 4% ao consumo baixíssimo, 5% ao consumo baixo, 7% ao consumo moderado, 1% ao consumo alto e 4% ao consumo altíssimo. Em comparação, durante a pandemia, os níveis de consumo apresentaram taxa de 76%, 4%, 1%, 7%, 7% e 5%, respectivamente. Desse modo, durante o período de isolamento 3% saíram do nível de consumo nulo, houve redução de 4% no consumo baixo, aumento de 6% no nível de consumo alto e 1% de consumo para o nível altíssimo.

Sobre o uso dos antidepressivos (Gráfico 2),

observou-se que antes da pandemia o consumo nulo foi representado por 84% dos indivíduos, o consumo baixíssimo por 1%, o consumo baixo por 4%, o consumo moderado por 4%, o consumo alto por 2% e o consumo altíssimo por 5%. E durante o isolamento social foi de 75% no consumo nulo, 4% no consumo baixíssimo, 5% no consumo baixo, 1% no consumo moderado, e 5% no consumo alto e 10% no consumo altíssimo.

Observa-se que grande parte dos estudantes não fazia uso de antidepressivos antes do isolamento social, após o isolamento, permanece-se com a maioria, porém, na faixa equivalente a consumo nulo 9% saíram desse nível durante o isolamento social. Importante destacar que após a pandemia o consumo de antidepressivos passou de 5% para 10% no que se refere ao consumo altíssimo.

Em relação ao uso de indutores do sono antes da pandemia, 84% dos indivíduos relataram não fazer uso, enquadrando-os no consumo nulo. No entanto, 5% se enquadraram no consumo baixíssimo, 4% no consumo baixo e 7% no consumo moderado. Já durante o período de pandemia, 82% identificaram-se no consumo nulo, 6% no consumo baixíssimo, 4% no consumo baixo, 2% no consumo moderado, 2% no consumo alto e 4% no consumo altíssimo. Durante o isolamento social houve o incremento de indutores do sono para 2% no consumo alto e 4% no consumo altíssimo.

Em um momento da pesquisa os participantes foram requisitados para citar algum medicamento psicoativo que estavam utilizando, e foram relacionadas as seguintes medicações pelo nome genérico: Sertralina, Fluoxetina, Paroxetina, Vortioxetina, Venlafaxina, Desvenlafaxina, Zolpidem, Escitalopram, Carbonato de Lítio, Diazepam e Clonazepam.

Referente ao uso de algumas drogas ilícitas, na pesquisa foram envolvidos o uso de maconha, cocaína e outras substâncias alucinógenas de forma geral (dentre elas poderiam constar LSD, chá-de-lírio, ácido, passaporte, mescalina, peiote, cacto ou outras). Referente ao uso de cocaína, houve apenas resposta positiva de um participante, que se identificou com consumo baixíssimo antes do isolamento social e durante o isolamento social como consumo baixo.

Observou-se que em relação ao uso de *cannabis* antes do isolamento social, 82% dos participantes da pesquisa se integraram ao consumo nulo, enquanto 11% no consumo baixíssimo, 5% no consumo baixo, 1% no consumo moderado e 1% no consumo alto. E durante o período de isolamento, 89% categorizaram-se no consumo nulo, 8% no consumo baixíssimo, 1% no consumo baixo, 1% no consumo moderado e 1% no consumo alto. Dessa forma, percebe um aumento dos indivíduos não usuários de *cannabis* durante o isolamento equivalente a 7% quando comparado ao consumo nulo em período anterior a pandemia.

Em estudo que antecede o período

pandêmico demonstrou que 70,8% dos estudantes de medicina classificaram por autoanálise sua saúde como muito boa e ótima (Morgan et al., 2017). Dado superior ao encontrado no presente estudo.

Em uma pesquisa semelhante ao ano de 2019 com a pandemia do coronavírus, 71,8% dos estudantes de medicina tiveram suas atividades acadêmicas continuadas por meio de plataformas virtuais, 26,2% tiveram suas obrigações interrompidas e 2%, continuadas de forma presencial. Ao avaliar o índice de sofrimento psíquico desses estudantes 62,8% relataram algum fator de risco para o adoecimento, sendo eles: ser do sexo feminino, relatar má adaptação ao ensino a distância, apresentar dificuldade de concentração, preocupar-se com o atraso da graduação, ter um diagnóstico prévio de transtorno mental, morar com alguém que precisa trabalhar fora de casa, ser incapaz de manter hábitos saudáveis e ter medo de ser infectado pelo vírus (TEIXEIRA; COSTA; MATTOS; PIMENTEL, 2021).

Vale ressaltar que, embora a maioria dos estudantes do presente estudo sejam do sexo feminino, a autoavaliação referente a sua saúde mental durante o período de isolamento por coronavírus totalizou 56% como excelente e boa, demonstrando, que os estudantes precisam ser acompanhados quanto a essa porcentagem.

Em 2019, no início da pandemia 2% dos estudantes de medicina tiveram a infecção pelo coronavírus⁸. Enquanto na presente pesquisa 22% da amostra foi infectada após um ano de pandemia.

O consumo de álcool apresentou queda de 10% no consumo quando, comparado antes e durante a pandemia. Em outro estudo, o consumo de álcool por acadêmicos de medicina fora de momento pandêmico foi considerado de baixo risco e um terço se declarou abstinência. Dos que utilizaram álcool esporadicamente, ocorreu de forma pontual, em festas ou comemorações, com frequência média de duas a quatro vezes por mês (Pereira et al., 2020).

Embora, com queda de consumo do álcool no presente estudo, é importante ressaltar que antes do isolamento social não havia nenhum acadêmico em uso de álcool no consumo altíssimo e durante o isolamento social esse número passou para dois 4%, o que pode gerar um alerta dos efeitos negativos do isolamento social na vida dos acadêmicos de medicina.

Sabe-se pela literatura, que o consumo de álcool e de outras drogas tem crescido no país, entre estudantes da área da saúde, sobretudo, entre os de medicina⁹. Para que o consumo de álcool não se torne um grave problema de saúde entre os acadêmicos de medicina é de fundamental importância investir em ações, orientações preventivas sobre riscos do uso de bebidas alcoólicas e os malefícios que podem trazer para o exercício desses futuros profissionais (Pereira et al., 2020).

Sobre o consumo de tabaco durante a

graduação de medicina 7,5% dos estudantes faziam uso de tabaco em período anterior ao isolamento social¹. Já no nosso estudo 23% dos estudantes era tabagista antes da pandemia e 20% durante a pandemia. Dado que chama atenção por apresentar-se elevado quando comparado ao estudo anterior.

Com relação aos ansiolíticos, de acordo com um estudo realizado com estudantes da área da saúde diagnosticados com ansiedade ou depressão apresentaram uma mudança importante no padrão de consumo dos ansiolíticos durante o período de pandemia, sendo que 43,7% dos entrevistados realizou mudança na dose e 80% não interromperam o uso durante esse período. Enquanto nesse estudo, 79% dos participantes não fazia uso da medicação antes da pandemia, porém, passou a ser 76% após a pandemia. Esse fato revela que diante de um cenário de medos e incertezas, a medicação foi utilizada para alívio dos sintomas (SOUZA; ALMEIDA; AMORIM; SANTOS, 2021).

Durante a Pandemia de covid-19 os estudantes de medicina de todo o Brasil, passaram a desenvolver pensamentos depressivos, 55% afirmaram perder o interesse pelas coisas e 39,2% sentiram-se inúteis ou sem préstimo. Além disso, 18,6% relataram o sentimento de incapacidade sobre desempenhar um papel útil em sua vida e 9,1% apresentam ideação suicida (TEIXEIRA; COSTA; MATTOS; PIMENTEL, 2021). Na presente pesquisa o aumento de 5% de consumo de antidepressivos ao nível de consumo altíssimo, pode ressaltar os efeitos negativos a saúde dos estudantes de medicina durante o período pandêmico do coronavírus.

No que diz respeito a um diagnóstico prévio de transtorno mental entre os estudantes de medicina no Brasil, 28,8% já possuíam um diagnóstico anterior e durante o período de isolamento, 81,4% perceberam em si alguma mudança psicológica ou comportamental (TEIXEIRA; COSTA; MATTOS; PIMENTEL, 2021).

Sobre substâncias psicoestimulantes compreende-se aquelas com capacidade de aumentar o estado de alerta e a motivação, possuem propriedades antidepressivas, melhoram humor e o desempenho cognitivo. Por esse motivo, muitos estudantes fazem consumo indiscriminado dessas substâncias. Em estudo que avaliou o uso de psicoestimulantes antes da pandemia, 52,3% dos estudantes de medicina faziam uso de alguma substância durante a graduação (Morgan et al., 2017).

Muitos estudantes utilizam mais de uma substância psicoativa por dia durante a graduação, as substâncias mais consumidas são bebidas energéticas e cafeína com ingestas mais de cinco vezes por semana (Morgan et al., 2017).

Quando há associação com alguma alteração relacionada ao sono, o aumento no consumo de energéticos, cafeína e metilfenidato (Ritalina) pode ocorrer. Mais da metade dos

estudantes consomem estimulantes para melhorar a privação do sono e o desempenho cognitivo e os consideram eficazes. Desse modo, o uso dessas substâncias tem se apresentado elevado (Morgan et al., 2017). Com o isolamento social provocado pela pandemia do coronavírus afetou a rotina de estudo, tal consumo pode ser uma maneira para aprimoramento do desempenho cognitivo, acadêmico.

Estudo que antecede o isolamento social por Covid-19, revela que 74% dos estudantes de medicina relataram queixas relacionadas à má qualidade do sono, classificando-o como insatisfatório (Rego et al., 2018). A incapacidade de manter hábitos saudáveis durante a pandemia tem impacto negativo na saúde mental dos estudantes e 22,2% relataram não ter uma boa noite de sono (TEIXEIRA; COSTA; MATTOS; PIMENTEL, 2021).

No presente estudo, observou-se que durante a pandemia, houve a redução do uso de Cannabis em 7% no nível de consumo nulo entre os estudantes quando comparado antes da pandemia. Tal diminuição pode ser reflexo do retorno dos estudantes para a casa dos pais. Durante a pandemia, apenas 29,3% dos estudantes não estavam em suas cidades de residência (TEIXEIRA; COSTA; MATTOS; PIMENTEL, 2021).

Conclusão

O consumo de substâncias psicoativas por estudantes de medicina do ciclo clínico entre o quinto e oitavo período, de maneira geral, apresentou aumento de consumo durante o período de isolamento social causado pela pandemia da COVID-19, em especial para os níveis de consumo alto e altíssimo.

Importante ressaltar que tais achados configuram-se como um alerta a necessidade de um monitoramento desses estudantes por parte dos familiares e da instituição de ensino uma vez que, mesmo em momento pandêmico os compromissos e obrigações com as atividades acadêmicas foram mantidas mesmo que de maneira remota, o que em associação com o isolamento social pode resultar em impactos negativos a saúde desses estudantes.

O estudo apresenta como limitações a utilização de um questionário auto avaliativo em que os estudantes expressaram respostas pessoais que podem ser esperadas por comportamentos sociais impostos pela sociedade. Outra dificuldade encontrada é referente a pouca existência de literatura para discussão da temática uma vez que a pandemia por COVID-19 é recente e não se tem muitos estudos publicados com o referido público/temática escolhida.

Referências

ARAUJO, J., OLIVEIRA, A., VILELA, S., WARKENTIN, S., LOPES, C., RAMOS, E. Da emergência de um novo vírus humano à disseminação global de uma nova doença – doença por Coronavírus 2019. 2021; [online] [acesso em 2021 nov 29]. Disponível em:

<http://asset.youoncdn.com/ab296ab30c207ac641882479782c6c34/a2bfa110be814997bfa9fc20af55b07b.pdf>. Acesso em 12. Dez de 2021.

estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da coronavirus disease 2019. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol.7, n. 1, p. 21-29. 2021.

BRASIL. Ministério da justiça (BR). Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. Brasília: MJ. módulo 1, capítulo 3, p. 67-86. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução No 466 de 12 de dezembro de 2012: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: MS; 2012.

DUARTE, M.Q., SANTO, M.A.S., LIMA, C.P., GIORDANI, J.P., TRENTINI, C.M. COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciênc. saúde coletiva*. Vol. 25, n. 9, p. 3401-3411. 2020.

MACHADO, C.S., MOURA, T.M., ALMEIDA, R.J. Estudantes de Medicina e as Drogas: Evidências de um Grave Problema. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Vol. 39, n.1, p. 159-167. 2015.

MAIA, B.R., DIAS, P.C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estud. psicol.* Vol. 37, p. (e200067). 2020.

MORGAN, H.L., PETRY, A.F., LICKS, P.A.K., BALLESTER, A.O., TEIXEIRA, K.N., DUMITH, S.C. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma Universidade do extremo Sul do Brasil: revalência, motivação e efeitos percebidos. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Vol. 41, n. 1, p. 102-109, 2017.

PEREIRA, I.S.S.D., MELO, R.A., GURGEL, A.J.P., BARBOSA, A.G.M., ZANATTA, I.C., MELO, S.L.A, et al. Uso de bebidas alcoólicas por estudantes de medicina. *Journal Health NPEPS*. Vol. 5, n. 1, p. 242-260. 2020.

REGO, R.M., MARQUES, N.A., MONTEIRO, P.C., OLIVEIRA, C.L.B., LINS, N.A.A., CALDAS, C.A.M. O perfil atual do estudante de Medicina e sua repercussão na vivência do curso. *Pará Research Medical Journal*. Vol. 2, p. e05, 2018.

SOUZA, M.S.P., ALMEIDA, R.L.M.L., AMORIM, A.T., SANTOS, T.A. Uso de antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes do curso de farmácia em uma instituição privada e uma pública do interior da Bahia. *Research, Society and Development*. Vol.10, n. 8, p. e29610817177. 2021.

TEIXEIRA, L.A.C., COSTA, R.A., MATTOS, R.M.P.R., PIMENTEL, D. Saúde mental dos